

CIÊNCIA MÉDIA E ARMINIANISMO: UMA ANÁLISE DESTA RELAÇÃO À LUZ DA TEOLOGIA REFORMADA

Daniel Leite Guanaes de Miranda¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a relação existente entre o molinismo e o arminianismo, à luz de uma perspectiva reformada. O século dezesseis tem sido caracterizado como a era dos reformadores. Todavia, outros movimentos também marcaram este período. Na Espanha e Portugal, por exemplo, um teólogo chamado Luis de Molina destacou-se com o desenvolvimento de uma tese que ficou conhecida com Ciência Média. Neste trabalho, portanto, esta perspectiva é apresentada, comparada com o pensamento de Armínio e criticada à luz da soteriologia calvinista.

PALAVRAS-CHAVE

Ciência Média; Arminianismo; Teologia Reformada; Luis de Molina.

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze the relationship established between Molinism and Arminianism, from a reformed perspective. The sixteenth century has been characterized as the Reformation period. However, other movements influenced that historical moment as well. In Spain and Portugal, for example, a theologian named Luis de Molina stood out with the development of a thesis that was known as Middle Knowledge. In this paper, so, that perspective is presented, compared with the Arminianism and criticized through reformed soteriology.

KEYWORDS

Middle Knowledge; Arminianism; Reformed theology; Luis de Molina.

¹ Pastor Presbiteriano, bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Escola de Pastores e em psicologia pela UNESA; mestrando em teologia pelo CPAJ - Mackenzie e professor da Escola Teológica Reformada, no Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

O estudo da teologia cristã faz com que, necessariamente, as pessoas se deparem com paradoxos. É de suma importância, portanto, estabelecer claramente a definição deste conceito, tendo em vista que o mesmo é constante alvo de más interpretações.

Conquanto possam, numa perspectiva *laica*, confundir-se com a contradição ou com o mistério, “existem linhas que separam o paradoxo, o mistério e contradição”.² Os paradoxos se caracterizam por acompanhar o raciocínio lógico, coerente e por não infringirem a lei da não-contradição.³

Dentre os assuntos escriturísticos nos quais estão presentes paradoxos, no campo da soteriologia, encontra-se a necessária harmonia entre soberania divina e responsabilidade humana. Os textos bíblicos indicam claramente que a salvação vem do Senhor (Jn 2.9), apontando para uma soteriologia monergística. Contudo, também nas Escrituras, há textos que mostram que, de alguma forma, o homem goza de certo tipo de liberdade.

A apresentação destas duas teses faz da soteriologia um assunto polêmico na cosmovisão protestante. Basicamente, a atual configuração cristã oriunda da Reforma, conhecida como evangélica, tem por base duas cosmovisões: arminiana e reformada.

Os arminianos caracterizam-se por, no que concerne à salvação, enfatizar a liberdade do homem. Os reformados, por sua vez, no tocante ao mesmo assunto, defendem irrevogavelmente a soberania divina. Estabelecido o conflito, boa parte das análises acerca deste tema - soteriologia - tende a partir destes dois pressupostos diametralmente opostos.

Por mais que este debate tenha tomado proporções maiores num período pós-Reforma, havia quem, anteriormente ou concomitantemente, discorresse sobre o assunto. Luis de Molina foi um destes pensadores que tentou resolver o paradoxo estabelecido pelas Escrituras. Conquanto alguns digam que o pensamento que ficou conhecido como ciência média tenha sido formulado por Pedro da Fonseca,⁴ foi Luis de

² SPROUL, R. C. *Verdades Essenciais da Fé Cristã*: Doutrinas básicas em linguagem simples e prática, vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p.13.

³ Lei que define que A não pode ser -A na mesma relação em ao mesmo tempo.

⁴ [Filósofo](#) e [teólogo jesuíta português](#), era conhecido na sua época como o "Aristóteles Português". Era um mestre em [grego](#) e [árabe](#) cuja erudição lhe facultava uma linha de ideias próprias em relação a temas desenvolvidos por [Tomás de Aquino](#) e [Aristóteles](#). As suas obras principais foram nas áreas da [lógica](#) e de [metafísica](#).

Molina quem o expôs publicamente, razão pela qual tal tese ficou conhecida como molinismo.

O objetivo deste trabalho é fazer uma exposição do pensamento de Luis de Molina, no que concerne à doutrina da ciência média, relacioná-lo com a perspectiva arminiana e fazer uma análise a partir da cosmovisão reformada acerca desta central questão soteriológica.

Para tal fim, o mesmo se configurará em três capítulos. A primeira seção será uma exposição da doutrina da ciência média. Neste ponto, o trabalho se iniciará com uma apresentação do teólogo a ser estudado. Em seguida, constará uma breve exposição das doutrinas bíblicas que dão origem ao paradoxo estabelecido. Por fim, ainda neste capítulo, a ciência média será apresentada como a solução encontrada pelo teólogo espanhol.

O segundo capítulo consiste em uma comparação da perspectiva arminiana no que concerne à liberdade, na salvação, com a perspectiva molinista. Para tal fim, ele se subdividirá em dois tópicos: o primeiro será uma breve exposição do pensamento arminiano sobre o assunto analisado, enquanto o segundo será uma demonstração das semelhanças existentes entre este pensamento e a ciência média.

Por fim, este trabalho culminará com uma análise deste pensamento, bem como de sua relação com a perspectiva arminiana, à luz da cosmovisão reformada. Sendo a soberania divina o âmago da teologia calvinista, como responder a esta perspectiva surgida nos áureos dias da reforma? A estas questões o presente trabalho se propõe a responder.

1. O CONCEITO DE CIÊNCIA MÉDIA

Tendo em vista que o objetivo deste trabalho não é tão somente apresentar uma solução reformada ao paradoxo soteriológico mencionado na introdução desta pesquisa, é de fundamental importância que o mesmo se inicie com uma exposição desta doutrina que não goza de muita popularidade entre o protestantismo brasileiro: a ciência média.

Pensar no século dezesseis, com lentes evangélicas, é, antes de qualquer coisa, reconstruir o cenário de foi palco da Reforma Protestante. De fato, é inegável a importância deste movimento histórico. Todavia, reduzir este período da história apenas a este acontecimento faz com que sejam perdidas outras ocorrências que, ainda que não desfrutem da mesma importância, não devem ser desprezados.

Foi exatamente em meio a este contexto de agitação teológica na Suíça, Alemanha, Grã-Bretanha e outras localidades na Europa Medieval que surgiu, mediante um teólogo espanhol chamado Luis de Molina, o conceito da ciência média.

1.1. LUIS DE MOLINA

Segundo a enciclopédia da cultura espanhola, Luis de Molina “foi um dos mais famosos e universalmente conhecidos pensadores do século XVI”.⁵ Calafate afirma que tal projeção se deu pelo fato de que “Molina não foi um mero repetidor ou compilador das opiniões da escola, pois sobressai no panorama cultural ibérico também pela novidade e arrojo das suas teorias, razão por que muitas delas se revestiram de intensa polêmica”.⁶

Filho de Diego de Orejón e de Ana García de Molina, Luis de Molina nasceu em Cuenca, em setembro de 1535. Estudou Gramática e Letras Latinas em sua cidade natal. Em seguida, mudou-se para Salamanca, a fim de estudar Direito. No ano de 1552, Molina decidiu abandonar o curso de direito a fim de ingressar no estudo da dialética escolástica.

Neste mesmo ano, a Companhia de Jesus o acolheu como noviço em Alcalá. Desta localidade, partiu para Lisboa e, em seguida, para Coimbra, onde estudou Artes e Teologia. No ano de 1568, começou seu magistério em teologia na Universidade de Évora.

Apesar de ter iniciado estudos em diversas áreas, foi na teologia que se dedicou à academia e desenvolveu pensamentos polêmicos. Dentre suas obras, encontra-se *Concórdia*, que “ficou célebre na história da filosofia pela exposição que faz do tema da ciência média”,⁷ segundo Calafate.

Luis de Molina faleceu no ano de 1601, quando já tinha publicado considerável número de obras. Contudo, sua preocupação com as questões expostas na ciência média fizeram, acima de qualquer outra tópica de seu pensamento, com que este teólogo tivesse seu nome inserido na história de teologia medieval.

⁵ Enciclopedia de la cultura espanhola. Disponível em: <http://www.filosofia.org/enc/ece/e40360.htm>
Acesso em: 27.09.07

⁶ Calafate, Pedro. *Luis de Molina*. Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/filosofia/ren14.html> Acesso em: 27.09.07.

⁷ Calafate, Pedro. *Luis de Molina*. Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/filosofia/ren14.html> Acesso em: 28.09.07.

1.2. SOBERANIA DIVINA E LIBERDADE HUMANA: UM PROBLEMA A SER RESOLVIDO.

Assim como o molinismo não foi a primeira tentativa de resolver a tensão existente no principal paradoxo soteriológico, Luis de Molina também não foi o primeiro teólogo a pensar nestas questões. Agostinho, Tomás de Aquino, antecessores de Luis de Molina, e os próprios reformadores, pertencentes ao mesmo período histórico que o seu, discutiram sobre o assunto.

Agostinho, expressando a soberania de Deus, disse:

O esmerado estudo da Escritura mostra que Deus não somente dirige para as boas ações e para a vida as boas vontades dos homens, que ele torna boas, embora sejam más, como também mantém sob o seu poder todas as vontades em geral. Ele as inclina como quer e quando quer, seja para prestar favores a uns, seja para infligir castigos a outros, de acordo com Sua vontade, obedecendo a desígnios que são certamente ocultos, mas sempre justos.⁸

Lutero, por sua vez, condenando o livre-arbítrio ao comentar o texto de Gênesis 8.21, afirmou:

Você procura esquivar-se do sentido evidente deste texto, ao dizer que há uma disposição para o mal na maioria das pessoas, mas que isso não lhes furta a liberdade da vontade. No entanto, Deus fala aqui sobre todos os homens e não somente acerca da maioria deles. Desde o dilúvio Deus está dizendo que não trataria mais os homens conforme eles merecem ser tratados. Se os tratasse assim, nenhum deles seria salvo. Tanto antes quanto após o dilúvio, Deus declarou que todos os homens são maus, e não apenas alguns deles.⁹

De igual forma, este assunto não foi exaurido por este teólogo. Depois dele, muitos outros propuseram teses ou tentaram explicar, à luz da Verdade, este dilema. A. W. Pink, teólogo contemporâneo, começa a discorrer sobre o assunto mostrando sua ciência sobre a dificuldade de resolução deste paradoxo.

Tem-se ressaltado com frequência que o requisito fundamental na exposição da Palavra de Deus é a necessidade de *preservar o equilíbrio da Verdade*. Com isto concordamos de coração. Duas coisas são indisputáveis: Deus é soberano, o homem é responsável... Que existe o perigo de salientar indevidamente uma delas, e de negligenciar a outra, reconhecemos sem hesitação; e a História nos oferece numerosos exemplos de ambos os casos. Ressaltar a

⁸ AGOSTINHO. *Deus Governa os Corações dos maus para a ação em favor dos bons*. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/soberania_divina/governa_agostinho.htm Acesso em: 02.10.07.

⁹ LUTERO, Martinho. *Comentário de Lutero acerca do Estudo de Erasmo sobre os textos que negam o Livre-Arbítrio*. Disponível em: http://www.monergismo.com/?secao=livre_arbitrio Acesso em: 02.10.07.

soberania de Deus, sem acentuar, ao mesmo tempo, que a criatura é responsável, tende ao fatalismo; preocupar-se tanto em manter a responsabilidade do homem, ao ponto de perder de vista a soberania de Deus, é exaltar a criatura e rebaixar o Criador.¹⁰

É notória, nas Escrituras, a declaração de que Deus rege o universo soberanamente. Ninguém pode deter a mão do Todo-Poderoso. Aquilo que tenciona fazer, certamente o faz. Esta é uma virtude inerente ao ser divino. Isto é, deixando de ser soberano, Deus deixa de ser Deus.

Todavia, assim como a soberania do Criador deve ser destacada, não se pode negar a existência da responsabilidade humana no decurso da vida. O homem é apresentado por Deus como agente moral, inteligente, consciente e dotado de vontade. Tais características apontam para o fato de que aquele que foi criado por Deus, acerca de quem Ele falou “é muito bom”, é uma pessoa.

A responsabilidade humana é, assim como a soberania divina, uma doutrina de suma importância, visto que por meio dela o homem é apresentado não como uma máquina, mas como um ser pessoal. A grande tensão está na necessidade que o homem tem de concatenar estas duas teses aparentemente antagônicas. De que forma a história poderia ser percebida, coerentemente, havendo um criador soberano e uma criatura responsável por seus atos?

Assim como com muitos outros homens, este paradoxo levou Luis de Molina a lançar-se sobre este aparente mistério. Por esta razão, sua obra intitulada de *Concórdia* tomou grande projeção, tendo em vista a relevância do assunto nela abordado. Da tensão gerada neste paradoxo, surgiu a ciência média: uma tentativa do teólogo espanhol em resolver este pseudo problema teológico.

1.3. CIÊNCIA MÉDIA: SOLUÇÃO PARA O PARADOXO.

Em sua tentativa de solucionar o paradoxo concernente à salvação, Luis de Molina propôs uma tese que ficou conhecida como ciência média. Segundo esta perspectiva, Deus sabe como todo sujeito, livre, atuaria se colocado em quaisquer circunstâncias ou condições possíveis.

¹⁰ Pink, A. W. A Soberania de Deus. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/soberania_divina/deus_soberano_pink.htm Acesso em: 02.10.07.

Como expôs Everton Jobim, “o molinismo ensina que Deus, com o uso de sua onisciência, prevê como o homem reagirá à graça concedida e estabelece, a partir deste conhecimento, aqueles indivíduos que irão perseverar”.¹¹

Para resolver o dilema soteriológico apresentado pelas Escrituras, Luis de Molina enfatiza o atributo da onisciência. De acordo com seu pensamento, para preservar a soberania de Deus e não ignorar a responsabilidade humana, a solução consiste em entender este paradoxo à luz da virtude divina que aponta para sua capacidade de conhecer todas as coisas exaustivamente.

A onisciência divina é o atributo pelo qual Deus conhece não apenas todas as coisas, mas as conhece plenamente.¹² Sendo Deus, esta característica é irrevogável ao seu ser. Isto significa que o pleno conhecimento de todas as coisas é qualidade inerente ao ser divino.

Luis de Molina atribui a esta virtude a capacidade de conciliação entre soberania divina e liberdade humana. Conforme assevera Everton Jobim ao explicar o pensamento do teólogo espanhol, “Ele [Deus] usa sua onisciência, respeitando a escolha futura do indivíduo, e só concede a predestinação a alguns, conforme as suas reações”.¹³

Influenciado pelo pensamento tomista, Molina não rompe com a soberania de Deus. Assim como Tomás de Aquino, o teólogo espanhol entende que a soberania é qualidade inerente ao ser divino. Um ser que não dispõe de soberania não pode ser identificado como Deus. Em sua visão, a soberania divina é uma verdade absoluta, impossível de ser eliminada de qualquer percepção acerca do Criador. Por esta razão, Molina faz questão de, em seu pensamento, mostrar que a salvação do homem não se dá à parte da vontade do Criador.

Na exposição de sua tese, Molina acompanha as tradicionais categorias epistemológicas propostas por Tomás de Aquino, conhecimento natural e conhecimento livre. O conhecimento natural se refere à parte do conhecimento de Deus que indica sua capacidade de conhecer todo objeto possível e necessário. Este conhecimento, por exemplo, indica que Deus sabe que determinado homem é dotado de razão. Além disso, é este conhecimento que mostra que Deus sabe da existência deste homem. O

¹¹ JOBIM, Everton. Doutrina Católica: Molinismo. Disponível em:

http://br.geocities.com/worth_2001/revelatomadaomono.html Acesso em: 09.10.07

¹² O prefixo *omnis* relaciona-se não somente com a quantidade de coisas que Deus sabe, mas também a qualidade deste conhecimento. Isto é, dizer que Deus é onisciente é afirmar seu conhecimento cabal de todas as coisas.

¹³ JOBIM, Everton. Doutrina Católica: Molinismo. Disponível em: *Doutrina Católica: Sobre a Predestinação*. Disponível em: http://br.geocities.com/worth_2001/contracaopredest.html Acesso em: 09.10.07.

conhecimento livre, por sua vez, se refere à parte do conhecimento de Deus que indica sua ciência mediante o criativo ato de sua vontade.

Entretanto, a estas categorias ele adiciona um terceira, à qual chamou de ciência média ou conhecimento médio. Esta terceira categoria do conhecimento divino abarca alguns elementos das duas categorias anteriores. De acordo com o pensamento de Molina, esta dimensão do conhecimento que há em Deus assemelha-se à primeira, uma vez que advém da escolha do Soberano em criar algo. Assemelha-se, também, à segunda, tendo em vista que independe de alguma vontade determinante da parte de Deus.

Segundo John Laing,

O conhecimento médio de Deus pode ser entendido como uma virtual infinitude de possibilidades diante da seguinte proposição ‘Se uma pessoa P estivesse na situação S, ela poderia livremente agir da forma A’... Isto significa que a teoria da ciência média propõe que a onisciência de Deus ultrapassa mero conhecimento do passado e do futuro. Ela inclui o conhecimento das proposições possíveis que se referem a como as criaturas agiriam se estivessem diante de diferentes possibilidades¹⁴

Com a ciência média, Molina explica a soberania de Deus na salvação de vidas. Segundo seu pensamento, depois de ver como o homem agiria diante de determinadas situações, o Criador o coloca em face de algumas condições que farão com que ele, por livre escolha, opte pela salvação de sua vida.

Segundo este modelo de pensamento, nem Deus perde sua soberania nem o homem sua liberdade. Assim como o Criador escolhe pessoas para viverem consigo por toda a eternidade, esta escolha está baseada no conhecimento que Ele tem da futura decisão do homem pelo destino de sua vida. De acordo com Gustavo Bueno, “ambas as influências, divina e humana, são necessárias e, por isso, tanto a soberania de Deus quanto a responsabilidade humana são causas parciais, porque necessitam mutuamente uma da outra.”¹⁵

Conservando a soberania de Deus, Molina abre espaço, em sua tese, para a idéia da predestinação. Segundo seu pensamento, Deus elegeu alguns homens para a salvação. Esta predestinação indica a tentativa de Molina, no desenvolvimento de suas idéias, de preservar a soberania divina. Contudo, esta predestinação deve ser entendida

¹⁴ LAING, John. *The Compatibility of Calvinism and Middle Knowledge*. Journal of the Evangelical Theological Society 47.3 (Sep/2004) p.457.

¹⁵ Bueno, Gustavo. La polémica *de auxiliis*. Disponível em: <http://www.filosofia.org/ave/001/a152.htm>
Acesso em: 09.10.07.

de forma peculiar. Por predestinação, Molina entende o ato de Deus, mediante sua ciência média, eleger aqueles que o escolheriam. Conforme afirmou Bueno sobre este ponto, “com a presciência média, Deus, graças a sua eminentíssima compreensão, sabe o que faria qualquer homem, se o pusesse em uma ordem determinada de coisas, com circunstâncias determinadas”.¹⁶

Percebe-se daí que, para Molina, a predestinação não é um ato livre e soberano de Deus, mas a execução de determinadas vontades do Criador, atreladas à sua capacidade de saber previamente a vontade do homem acerca de sua relação com Ele. Deus predestina homens que, no exercício de sua livre vontade, optariam por relacionar-se com Ele.

Conforme afirmou Laing, “a providência divina [que indica sua soberania] e a liberdade humana podem, ambas, ser preservadas não apenas pela presciência de Deus, mas pela combinação destes elementos”.¹⁷ Com a ciência média, Molina encontrou uma possível explicação para o paradoxo soteriológico da cosmovisão cristã. Liberdade humana e soberania divina são postas lado a lado, mediante a capacidade de Deus prever ações dos homens que, no exercício de sua liberdade, optariam, posteriormente, por Ele.

2. RELAÇÃO DA CIÊNCIA MÉDIA COM A SOTERIOLOGIA ARMINIANA

Tendo sido exposto, no capítulo anterior, o pensamento de Luis de Molina acerca do paradoxo estabelecido entre soberania divina e liberdade humana, este capítulo tem como objetivo mostrar a relação existente entre o molinismo e o pensamento arminiano.

Por mais que se saiba que os dois teólogos que nomeiam estas linhas de pensamento [Armínio e Molina], que viveram no mesmo século, não tenham se encontrado, há quem afirme que a teologia de Armínio sofreu influência de Luis de Molina.¹⁸ A fim de que se estabeleça esta relação, portanto, é necessário fazer sucinta

¹⁶ Bueno, Gustavo. La polémica *de auxiliis*. Disponível em: <http://www.filosofia.org/ave/001/a152.htm>
Acesso em: 09.10.07.

¹⁷ Laing, John D. *The Compatibility of Calvinism and Middle Knowledge*. Journal of the Evangelical Theological Society 47.3 (Sep/2004) p.457. Disponível em: <http://search.atlaonline.com/pls/eli/ashow?aid=ATLA0001457918&offset=75&lcookie=3319700> Acesso em: 09.10.07.

¹⁸ Cf: MULLER, Richard. *Arminius and the Scholastic Tradition*.

exposição do pensamento arminiano sobre o paradoxo *soberania divina e liberdade humana*.

2.1. BREVE ESBOÇO DO PENSAMENTO ARMINIANO SOBRE ESTE PARADOXO

Para se compreender o pensamento arminiano acerca da soteriologia bíblica é fundamental considerarmos um evento que marcou o início do século dezessete: o protesto dos remonstrantes apresentado ao Estado da Holanda em 1610, um ano após a morte de James Arminius.

De acordo com David Steele e Curtis C. Thomas,

O protesto consistia de “cinco artigos de fé”, baseados nos ensinamentos de Armínio, e ficou conhecido na história como a “Remonstrance”, ou seja, “O Protesto”. O partido arminiano insistia que os símbolos oficiais de doutrina das Igrejas da Holanda (*Confissão Belga e Catecismo de Heidelberg*) fossem mudados para se conformar com os pontos de vista doutrinários contidos no Protesto. As doutrinas às quais os arminianos fizeram objeção eram as relacionadas com a soberania divina, a inabilidade humana, a eleição incondicional ou predestinação, a redenção particular (ou expiação limitada), a graça irresistível (chamada eficaz) e a perseverança dos santos. Essas são doutrinas ensinadas nesses símbolos da Igreja Holandesa, e os arminianos queriam que elas fossem revistas.¹⁹

A teologia dos remonstrantes tem como pressupostos o fato de que a soberania divina é incompatível com a responsabilidade humana. Por esta razão, entendendo que a Bíblia apresenta a fé como um ato humano livre e responsável, os arminianos sustentam algumas teses concernentes ao paradoxo soteriológico: O homem nunca é corrompido pelo pecado de modo a se encontrar impossibilitado de crer salvificamente. Além disso, ele jamais é controlado por Deus de tal maneira que não possa rejeitar seus propósitos.

Cinco foram os pontos apresentados pelos remonstrantes na tentativa de alterar os símbolos de fé da igreja holandesa, em seu aspecto soteriológico. Em primeiro lugar, eles sustentavam a tese de que a queda da humanidade não corrompeu todas as áreas da existência humana. O pecado, partindo deste princípio, não impossibilitou o homem de crer em Deus, independente da necessidade de qualquer intervenção divina para que esta fé exista no homem.

¹⁹ Steele, David N. e Thomas, Curtis C. *The Five Points of Calvinism - Defined, Defended, Documented*. Parte I e II. Presbyterian & Reformed Publishing Co, Phillipsburg, NJ, USA. Tradução de João Alves dos Santos.

Em seguida, os remonstrantes afirmaram que Deus elege ou reprova homens na base da fé prevista ou da incredulidade. Eles não se opunham ao fato de que a eleição era uma realidade bíblica. A grande diferença encontra-se na maneira como esta eleição é vista. O eleito, na concepção dos discípulos de Armínio, era aquele que Deus havia escolhido por saber que, futuramente, seria por ele amado. Ou seja, eleição ou reprovção não estavam ligadas à capacidade de Deus usar misericórdia para quem quer, mas em seu poder de saber antecipadamente quem o escolheria na história.

Subseqüente a este ponto, os arminianos ²⁰ defendiam que Cristo morreu por todos os homens, em geral, e em favor de cada um, em particular, embora somente os que crêm sejam salvos. De acordo com esta perspectiva, a morte de Cristo no calvário teve alcance universal. Isto significa que todos os homens, indistintamente, podem ser salvos, caso creiam nas boas novas da salvação.

Ainda que não sustentassem a depravação como tendo afetado todas as áreas da existência humana, os remonstrantes entendiam que, devido à depravação do homem, a graça divina é necessária para a fé ou qualquer boa obra. Contudo, essa graça pode ser resistida. Isto significa que nem todas as pessoas pelas quais Cristo morreu na cruz chegam ao conhecimento da verdade. A rejeição do sacrifício de Cristo é uma possibilidade para aqueles que não desejam viver com o Criador.

Por fim, os discípulos de Armínio discutiram sobre a segurança da salvação. Num primeiro momento, afirmar que todos os que são verdadeiramente regenerados perseverarão seguramente na fé era um ponto que necessitava de maior investigação. Posteriormente, apesar de alguns arminianos alegarem que o salvo não pode perder sua salvação, os remonstrantes definiram-se pela tese de que era possível ao regenerado perder sua fé e, por isso, sua salvação.

Sendo assim, o arminianismo se propõe a resolver o dilema da salvação concedendo ao homem poder para decidir seu futuro (se ao lado do Criador ou não). Segundo esta perspectiva, Deus não perde sua soberania ao dar ao homem capacidade de decidir, uma vez que, em sua soberania, ele decidiu que concederia ao homem este privilégio. Em última instância, a salvação do homem depende de sua livre escolha, não podendo Deus interferir na mesma.

²⁰ Nome pelo qual ficaram conhecidos, posteriormente, os discípulos de James Arminius, conhecidos então como remonstrantes.

2.2. SEMELHANÇAS ENTRE ESTAS PERSPECTIVAS

Tendo considerado as principais pressuposições do pensamento arminiano concernente à salvação, cabe ressaltar algumas semelhanças entre esta perspectiva e o molinismo. Três aspectos serão destacados neste ponto - tentativa de preservação da soberania de Deus; ênfase na liberdade humana; uso da onisciência para explicar o processo de salvação - para mostrar que o molinismo e o arminianismo desenvolvem seu pensamento em linhas muito próximas.

Em primeiro lugar, é fundamental destacar que ambos, na tentativa de estabelecer uma solução para o paradoxo soteriológico, discursam em favor da soberania divina. Nem Luis de Molina, nem os arminianos dizem, em suas defesas, que Deus não é soberano. Romper com esta tese é abrir mão de um dos pilares do autêntico Cristianismo.

Tanto os seguidores de Armínio quanto o teólogo espanhol olhavam para o pelagianismo como uma grande heresia, uma vez que este pensamento, explicitamente, dava ao homem poder de intervenção em sua salvação incomparavelmente maior, com relação a Deus. Não obstante a isto, todavia, tanto Luis de Molina quanto os remonstrantes apresentavam Deus como um ser cerceado pelas decisões do homem. Um Deus que nada pode fazer diante da rejeição de um homem é um ser que se cala, pois se depara com limites intransponíveis. Tais pressuposições ferem diretamente sua soberania.

Em seguida, como mencionado acima, a liberdade humana consiste em elemento amplamente valorizado por estas linhas de pensamento. Sendo livre, o homem não pode, nestas perspectivas, encontrar-se impedido de realizar algo contrário à sua vontade. Gustavo Bueno, expondo o pensamento de Molina, diz que “Deus quer salvar a todos os homens, com a condição de que estes também queiram o mesmo”.²¹

De semelhante forma pensam os arminianos. Discorrendo sobre John Wesley, Leonardo dos Santos afirma: “Ele, ao analisar as Escrituras, concluiu que a exaltação do Criador exigia a liberdade do homem”.²² Em seguida, conclui:

²¹ BUENO, Gustavo. *Luis de Molina*. Disponível em: <http://www.filosofia.org/ave/001/a154.htm> Acesso em: 12.11.07.

²² SANTOS, Leonardo Simões dos. Fundamentos do metodismo no século XVIII - Arminianismo x Calvinismo. Disponível em: http://www.metodistalivre.org.br/Artigos/artigos.info.asp?tp=51&sg=0&form_search=&pg=1&id=1454 Acesso em 12.11.07.

A teologia Arminiana defende a Vontade Livre; Armínio acreditava que a queda do homem não foi total, e sustentou que, no homem, restou bem suficientemente capaz de habilitá-lo a querer aceitar Cristo como Salvador... A vontade do homem é livre para escolher, a palavra de Deus ou a palavra de Satanás. A salvação, portanto, depende da obra de sua fé.²³

De acordo com as duas linhas teológicas apresentadas, a liberdade humana é vista como condição imprescindível para que o homem viva da forma como foi estabelecida pelo Criador. Esta liberdade, nestes pensamentos, é levada às últimas conseqüências. Ou seja, livre é o ser que é capaz de fazer o que desejar, a despeito de qualquer tipo de influências externas.

Por fim, Luis de Molina e os discípulos de Armínio explicam a maneira pela qual entendem o paradoxo da salvação cristã a partir da compreensão de um atributo incomunicável do ser divino: sua onisciência.

Por causa desta característica inerente ao seu ser, Deus pode salvar pessoas de forma a preservar sua soberania e a liberdade dos homens. Tanto o argumento molinista quanto o arminiano apontam para o fato de que a escolha que Deus faz para a salvação de uma pessoa tem como base o conhecimento prévio que Ele tem acerca das opções que, futuramente, o homem fará.

O pensamento de Molina, acerca desta tese, pode ser bem compreendido pela seguinte afirmação de Gustavo Bueno: “Pelo conhecimento prévio Deus sabe quem são os que se salvarão e os que não, de modo que predestina alguns para a glória e outros para o inferno”.²⁴

De igual forma sustentavam Armínio e seus discípulos. Paulo Anglada, expondo o pensamento arminiano sobre a escolha divina, assevera “o arminianismo crê na eleição condicional; na eleição baseada na presciência de Deus. Crê que Deus, antes da fundação do mundo, escolheu aqueles a quem anteviu que se arrependeriam e creriam no Evangelho”.²⁵

²³ SANTOS, Leonardo Simões dos. Fundamentos do metodismo no século XVIII - Arminianismo x Calvinismo. Disponível em: http://www.metodistalivre.org.br/Artigos/artigos.info.asp?tp=51&sg=0&form_search=&pg=1&id=1454 Acesso em 12.11.07.

²⁴ BUENO, Gustavo. *Luis de Molina*. Disponível em: <http://www.filosofia.org/ave/001/a154.htm> Acesso em: 12.11.07.

²⁵ ANGLADA, Paulo. *Calvinismo: As antigas doutrinas da graça*. São Paulo: Os Puritanos. 1995, p.5.

A onisciência divina foi, portanto, a explicação encontrada para sustentar que Deus pode ser soberano e respeitar a liberdade humana. Considerando que somente um ser soberano pode conhecer todas as coisas, o molinismo e o arminianismo entendem que o uso da onisciência é uma preservação desta soberania na salvação humana. Contudo, não obstante a isto, afirmam que esta onisciência é usada de forma a respeitar a livre escolha do homem, virtude sem a qual o ser humano não existe tal qual Deus o fez.

3. CRÍTICA REFORMADA À RELAÇÃO ESTABELECIDADA

Diante do exposto acima, cabem algumas considerações da relação entre o molinismo e o arminianismo, a partir da perspectiva reformada. Por mais que exista quem afirme que as diferenças entre estas linhas estejam relacionadas à ênfase, o fato é que tais diferenças estão associadas ao conteúdo das idéias sustentadas.

“A discrepância não é meramente adjetiva, mas substantiva... Ou seja, estas doutrinas, conforme enunciadas pelo arminianismo, não correspondem às doutrinas que cremos com esses nomes”.²⁶ Esta afirmação de Paulo Anglada mostra que a despeito de a terminologia utilizada nas diferentes linhas de pensamento ser a mesma, os conteúdos que estão por detrás das mesmas caminham em direções diametralmente opostas.

Por esta razão, o objetivo deste capítulo é fazer uma crítica dos três pontos abordados no tópico anterior - soberania divina, liberdade humana e onisciência - a partir da visão calvinista.

Primariamente, é importante destacar que, à luz do entendimento reformado da soberania divina, o que o molinismo e o arminianismo apresentam acerca da salvação não pode levar a uma conclusão de que Deus é soberano. De acordo com A. W. Pink, “porque Deus é Deus, Ele faz o que Lhe agrada, somente o que Lhe agrada, sempre o que Lhe agrada; que Seu grande interesse é a realização do Seu próprio beneplácito e a promoção de Sua própria glória; que Ele é o Supremo Ser, e, portanto, Soberano do universo”.²⁷ Esta é uma definição reformada acerca da soberania de Deus. Afirmar que Deus é soberano não consiste apenas em enfatizar seu poder criador, sua capacidade de sustentar o universo ou a impossibilidade de alguém existir com suas categorias.

²⁶ ANGLADA, Paulo. *Calvinismo: As antigas doutrinas da graça*. São Paulo: Os Puritanos. 1995, p.9.

²⁷ PINK, A. W. A Soberania de Deus. Disponível em:

http://www.monergismo.com/textos/soberania_divina/deus_soberano_pink.htm Acesso em: 12.11.07.

A soberania de Deus consiste, também, no fato de que nada é capaz de impedi-lo de realizar seus propósitos. A partir do momento que um ser soberano é apresentado de forma que a vontade humana é capaz de impedi-lo de realizar seu querer, sua soberania é passível de ser questionada.

Um ser soberano é, por excelência, livre de quaisquer limites, senão aqueles que lhes são impostos por sua própria natureza. Ou seja, As únicas coisas que Deus não pode fazer são aquelas que ferem seu próprio ser ou seu caráter, tais como amar o pecado, compactuar-se com o mal, etc. Estes são os limites que o ser divino conhece. Todavia, quando pensamos no que Deus deseja fazer na história e na salvação dos homens, não há força capaz de impedir que o Soberano realize seu querer. Havendo quem possa impedi-lo, Ele deixa de ser soberano. Logo, a tentativa de preservar a soberania de Deus está fadada ao fracasso quando a ela é associada um tipo de liberdade humana capaz de impedi-la de agir como lhe apraz.

Tendo considerado a tentativa arminiana/molinista de preservar a soberania divina, é importante analisar a maneira pela qual estas linhas teológicas entendem a liberdade humana. Afirmar que o homem é livre é uma verdade indiscutível, quando se tem como referencial as Escrituras Sagradas.

A Bíblia é clara quando apresenta o ser que foi criado à imagem e semelhança de Deus como alguém dotado de liberdade. A grande questão, porém, está no entendimento que se dá a esta liberdade. O que significa liberdade? O que vem a ser este conceito para estas perspectivas teológicas?

Ao analisar o pensamento arminiano e molinista, chega-se à conclusão de que os mesmos entendem liberdade como a capacidade que o homem tem de fazer o que lhe apraz. Ser livre, nestas perspectivas, é poder agir da forma como se deseja, sem que a capacidade volitiva do homem seja violada.

O calvinismo também crê na liberdade humana. Contudo, a tese molinista/arminiana apresenta algumas dificuldades. Em primeiro lugar, é impossível pensar em qualquer ser criado desfrutando de liberdade nestes termos. Ainda que a liberdade faça parte das características do homem, visto ser ele criado, os limites lhes são intrínsecos. Ou seja, toda liberdade de seres criados esbarra nos limites estabelecidos pelo criador.

Ademais, ainda que em alguns aspectos o homem seja capaz de exercer sua liberdade, no que concerne à esfera espiritual tal liberdade foi perdida com a rebelião no Éden. A perspectiva bíblica do ser humano pós-queda é de alguém que está morto em

seus delitos e pecados (Ef. 2.1), incapaz de fazer qualquer escolha contrária à que sua inclinação o leva a fazer; ou seja, pela morte.

A liberdade humana, na Bíblia, indica a capacidade que Deus concedeu ao homem de fazer escolhas nos mais diversos aspectos e das mais distintas naturezas. Contudo, no que concerne à escolha pelo relacionamento com Deus ou não, a liberdade do homem foi perdida quando este infringiu a lei divina.

O Calvinismo entende que, depois da queda, o homem não tem mais livre-arbítrio. Ele continua responsável, pois o estado de pecado em que se encontra foi decorrente da sua livre decisão no Éden. Mas agora, a vontade do homem foi escravizada pelo pecado que o cegou, impedindo-o de discernir e conseqüentemente decidir positivamente, por si mesmo, em questões espirituais vitais para a salvação.²⁸

Por fim, o terceiro ponto defendido pelos arminianos e molinistas, mencionado anteriormente neste trabalho, é o que se refere à onisciência divina. Assim como estas duas escolas teológicas, o calvinismo também entende que a onisciência é um atributo incomunicável, inerente ao ser divino.

Porque é Deus, conhece não apenas todas as coisas, mas, plenamente, todas as coisas. O conhecimento divino acerca de cada elemento universo não é raso, superficial. Ele sabe tudo, e sabe perfeitamente. Conhece o real e o imaginário. O material e o espiritual. O físico e o metafísico.

O molinismo e o arminianismo recorrem a este atributo a fim de estabelecer um equilíbrio entre a soberania divina e a liberdade ou responsabilidade humana. Como mencionado no capítulo anterior, ao dizer que Deus conhece todas as coisas, indicam que ele é soberano, pois só um ser soberano é onisciente. Em contrapartida, ao alegarem que o homem decide se deseja relacionar-se com Deus ou não, indicam que este tem como característica inviolável sua liberdade. A onisciência surge, portanto, como uma resolução logicamente plausível para explicar o paradoxo.

Por mais que esta solução seja plausível, lógica e racional não se pode desconsiderar que qualquer afirmação validamente cristã tem de ser extraída da fonte de autoridade do cristianismo; a saber, as Escrituras. Partindo deste princípio, o grande problema da tese molinista/arminiana encontra-se no fato de que ela não é compatível com o ensinamento que a Bíblia faz sobre o assunto.

²⁸ ANGLADA, Paulo. *Calvinismo: As antigas doutrinas da graça*. São Paulo: Os Puritanos. 1995, p.5.

Quando as Escrituras falam do conhecimento de Deus sobre todas as coisas, como é o caso do Salmo 139, ela não o associa à salvação do homem. De igual forma, quando a Bíblia discorre acerca da soberania divina na salvação, ela não diz que ela se explica pelo pleno conhecimento do Criador.

A salvação, nas Escrituras, nunca está associada, em primeiro lugar, à vontade do homem. Isto, pois não depende de quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia (Rm 9.16). Isso não significa que os pecadores têm sua vontade violada, mas que elas são eficazmente convencidas, os pecadores levados ao arrependimento e, por isso, respondem positivamente ao Espírito Santo.

4. CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo comparar algumas perspectivas cristãs acerca do paradoxo existente na apresentação bíblica da salvação do homem. Soberania divina e responsabilidade humana têm sido alvos de muitas pesquisas por parte daqueles que desejam saber a forma como o Deus cristão age para resgatar pecadores.

Quer calvinistas, quer molinistas ou arminianos, as três perspectivas apresentadas nesta pesquisa concordam que estes dois conceitos são bíblicos e não podem ser desprezados. Conforme asseverou Pink, “tem-se ressaltado com frequência que o requisito fundamental na exposição da Palavra de Deus é a necessidade de *preservar o equilíbrio da Verdade*. Com isto concordamos de coração. Duas coisas são indisputáveis: Deus é soberano, o homem é responsável”.²⁹

A diferença, contudo, consiste em saber de que forma estes elementos concatenam-se. Os molinistas e os arminianos, desejosos de resguardar a liberdade humana a qualquer preço, encontraram na ciência média e na presciência divina, respectivamente, resposta para este aparente conflito.

O calvinismo, por sua vez, ao chegar ao limite da compreensão deste paradoxo, se cala. Reconhece que a Bíblia apresenta ao homem um Deus soberano. Admite, igualmente, que sua compreensão do homem é de um ser responsável. Contudo, como base destes conhecimentos, o calvinismo sustenta que há coisas encobertas que pertencem ao Senhor.

²⁹ PINK, A. W. A Soberania de Deus. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/soberania_divina/deus_soberano_pink.htm Acesso em: 12.11.07.

O paradoxo soteriológico faz parte desta categoria de verdades que permanecem encobertas. Até onde foi revelado, sabe-se que a salvação vem do Senhor (Jn 2.9), mas que ninguém vem ao Pai contra sua própria vontade. Deus, em sua soberania, salva pecadores livres e moralmente responsáveis, não pelo prévio conhecimento que tem da disposição futura dos mesmos, mas porque resolveu, em seus sábios conselhos, amar homens antes da fundação do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. *Deus Governa os Corações dos maus para a ação em favor dos bons*. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/soberania_divina/governa_agostinho.htm Acesso em: 02.10.07.

ANGLADA, Paulo. *Calvinismo: As antigas doutrinas da graça*. São Paulo: Os Puritanos. 1995.

BUENO, Gustavo. *La polémica de auxiliis*. Disponível em: <http://www.filosofia.org/ave/001/a152.htm> Acesso em: 09.10.07.

_____. *Luis de Molina*. Disponível em: <http://www.filosofia.org/ave/001/a154.htm> Acesso em: 27.09.07.

CALAFATE, Pedro. *Luis de Molina*. Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/filosofia/ren14.html> Acesso em: 27.09.07.

CAMPBELL, Travis James. *Middle Knowledge: A Reformed Critique*. Westminster Theological Journal, 68 no 1 Spr 2006, p 1-22. Disponível em: [www.theopedia.com/Compatibilist middle knowledge](http://www.theopedia.com/Compatibilist_middle_knowledge) .Acesso em: 09.10.07.

ENCICLOPEDIA DE LA CULTURA ESPANHOLA. Disponível em: <http://www.filosofia.org/enc/ece/e40360.htm> Acesso em: 27.09.07.

JOBIM, Everton. *Doutrina Católica: Molinismo*. Disponível em: http://br.geocities.com/worth_2001/revelatomadaomono.html Acesso em: 02.10.07.

_____. *Doutrina Católica: Sobre a Predestinação*. Disponível em: http://br.geocities.com/worth_2001/contracaopredest.html Acesso em: 09.10.07.

LAING, John D. *The Compatibility of Calvinism and Middle Knowledge*. Journal of the Evangelical Theological Society 47.3 (Sep/2004) p.457. Disponível em: <http://search.atlaonline.com/pls/eli/ashow?aid=ATLA0001457918&offset=75&lcookie=3319700> Acesso em: 09.10.07.

LUTERO, Martinho. *Comentário de Lutero acerca do Estudo de Erasmo sobre os textos que negam o Livre-Arbitrio*. Disponível em: http://www.monergismo.com/?secao=livre_arbitrio Acesso em: 02.10.07.

MULLER, Richard. *Arminius and the Scholastic Tradition*. Calvin Theological Journal, 24 no 2 N 1989, p 263-277. Disponível em: <http://search.atlaonline.com/pls/eli/ashow?aid=ATLA0000820782&offset=56&lcookie=3319962> Acesso em: 09.10.07.

PINK, A. W. *A Soberania de Deus*. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/soberania_divina/deus_soberano_pink.htm Acesso em: 02.10.07.

SANTOS, Leonardo Simões dos. *Fundamentos do metodismo no século XVIII - Arminianismo x Calvinismo*. Disponível em: http://www.metodistalivre.org.br/Artigos/artigos.info.asp?tp=51&sg=0&form_search=&pg=1&id=1454 Acesso em 12.11.07.

SIMPLOKÉ ENCICLOPEDIA. *Ciência Média*. Disponível em: http://symploke.trujaman.org/index.php?title=Ciencia_media Acesso em 09.10.07.

SPROUL, R. C. *Verdades Essenciais da Fé Cristã: Doutrinas básicas em linguagem simples e prática*, vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

STEELE, David N. e THOMAS, Curtis C. *The Five Points of Calvinism - Defined, Defended, Documented*. Parte I e II. Presbyterian & Reformed Publishing Co, Phillipsburg, NJ, USA.